

# Há tempo para o tempo necessário antes do fim? Sobre possibilidades de um processo político-social revolucionário

Iael de Souza<sup>1</sup>

## Resumo

A pandemia da SARS-COV-2 escancarou as desigualdades sociais, de classe, de sexo, de raça, de etnia, colocou em evidência a autodestruição do planeta e de todas as formas de vida e fez o sistema capital expor toda a sua perversidade perante o agravamento da barbárie social, tratando a vida humana com indiferença e como sendo descartável. Mas o que poderia ter sido o mote para a erupção de uma situação revolucionária se perdeu pela ausência de uma direção, projeto e luta político-social revolucionária (política social radical), expondo a urgência de retomada do trabalho de base junto às massas e aos subalternos para que os momentos de crise possam ser aproveitados para a elevação da consciência das massas e transformação substancial das lutas político-sociais. É sobre essa necessidade mais do que premente deste trabalho de base que esse artigo aborda.

**Palavras-chave:** organização; agitação; propaganda.

## Resumen

La pandemia SARS-COV-2 abrió desigualdades sociales, de clase, sexo, raza, etnia, puso de relieve la autodestrucción del planeta y todas las formas de vida e hizo que el sistema de capital exponga toda su maldad a el agravamiento de la barbarie social, tratando la vida humana con indiferencia y como desechable. Pero lo que pudo haber sido el lema del estallido de una situación revolucionaria se perdió por la ausencia de una dirección, proyecto y lucha político-social revolucionaria (política social radical), dejando al descubierto la urgencia de retomar el trabajo de base con las masas y subordinado para que los momentos de crisis se puedan utilizar para sensibilizar a las masas y transformar sustancialmente las luchas políticas y sociales. Se trata de esta necesidad más que urgente de este trabajo preliminar que aborda este artículo.

**Palabras clave:** organización; agitación; publicidad.

## Abstract

The SARS-COV-2 pandemic opened up social inequalities, class, sex, race, ethnicity, highlighted the self-destruction of the planet and all forms of life and made the capital system expose all its wickedness to the aggravation of social barbarism, treating human life with indifference and as being disposable. But what could have been the motto for the eruption of a revolutionary situation was lost due to the absence of a revolutionary leadership, project and political-social struggle (radical social policy), exposing the urgent need to resume basic work with the masses and subordinate so that moments of crisis can be used to raise the awareness of the masses and substantially transform political and social struggles. It is about this more than pressing need for this groundwork that this article addresses.

**Keywords:** organization; agitation; advertising.

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Educação da UFPI. [iaeldeo@gmail.com](mailto:iaeldeo@gmail.com)



## Introdução

66

A pandemia da SARS-COV-2 escancarou as desigualdades sociais, de classe, sexo, raça, etnia da sociabilidade capitalista e do sistema capital. Não só as desigualdades como também as variadas formas de precarização da força de trabalho ganharam ainda mais notoriedade: domésticas, entregadores de app's, terceirizados e informais de todas as categorias, chegando até ao professorado e às aulas remotas/hibridismo (eufemismo de Educação/Ensino à Distância, sonho dos empresários da educação – Fundação Lemann, Instituto Unibanco, Instituto Ayrton Senna, etc).

Seremos os mesmos após a pandemia (ou até mesmo uma versão ainda pior?!...) ou há a possibilidade de aproveitá-la como meio de acelerar o processo de politização e *elevação* da consciência de classe dos trabalhadores(as), economizando algumas décadas, pela evidenciação da barbárie social mundial não mais obliterada e posta em evidência?

Por outro lado, teremos tempo? Uma vez que é preciso um *longo tempo* para o processo de desenvolvimento e maturação da *revolução social radical*, para a transição da consciência imediata e reivindicativa/corporativa para a consciência revolucionária, algo que, infelizmente, temos cada vez menos, como comprovam os trágicos e catastróficos fenômenos naturais derivados da produção destrutiva do capital e modos de intervenção entre homem/natureza.

As obras “*O Que Fazer?*” de Lênin (1988) e “*Greve de Massas, Partido e Sindicatos*” de Luxemburgo (1979) ainda são importantes ferramentas para refletir e articular as táticas para o processo de mobilização/organização das massas. Mais do que em qualquer outro momento da história, é preciso saber como nos aproximar e trabalhar junto às massas, fazer o trabalho de base (esclarecimento sobre o funcionamento e lógica da sociabilidade capitalista e do sistema capital, do “ser” do proletariado – o que ele é – e as razões porque esse modo de ser o impele à tarefa histórica e necessária da revolução social radical<sup>2</sup>), a agitação e propaganda, acompanhando às massas, estando não apenas junto ou ao lado delas, mas *ombreados* com elas, como diz Florestan Fernandes (1980), para que quando da erupção de

---

<sup>2</sup> “Trata-se de saber *o que* o proletariado é e o que ele será obrigado historicamente a fazer, de acordo com este *ser*. Seu objetivo e sua ação histórica lhe são traçados, de maneira tangível e irrevogável, em sua própria situação, como em toda a organização da sociedade burguesa atual” (MARX, 2001, p. 38).



uma *situação revolucionária*, no dizer de Lênin (1979), possa-se ter legitimidade para conduzi-las, direcionando e orientando suas ações para que a finalidade da emancipação econômico-social/humana seja, de fato, alcançada.

Esse é o atual desafio do século XXI se se deseja a possibilidade de um novo e outro século, bem como a continuidade de todas as formas de vida do planeta, incluindo a humana. Vozes ressoaram em 2018 alertando para a necessidade de retomar o trabalho de formação, de base junto às periferias, às massas, como as de Mano Brown (*Esquerda Diário*, 2018), Leonardo Boff (*RBA*, 2018) e Lula “liberto” (*Carta Capital*, 2020); outras como a de Paulo Arantes (2018), exigiram uma reinvenção da própria esquerda e sua forma de atuação, caso ainda esteja interessada em ser portadora (enquanto “Príncipe Moderno”) e intérprete da vontade das massas na atuação revolucionária destas durante o processo de transformação social radical.

*O Que Fazer e Como Fazer?* nesse pouco tempo que ainda nos resta é o problema que se procurará responder a fim de que se possa utilizar esse tempo da maneira mais adequada e preparatória possível para *transitar para a transição* para além do capital ou, nas palavras de Marx (2012, p. 43), realizar concretamente “o período da transformação revolucionária” da sociedade capitalista à sociedade comunista, composto por duas fases: a *fase inferior* da sociedade comunista – que Lênin (1978, p. 121) chama de socialismo, embora haja discordâncias em relação a tal denominação – e a fase superior da sociedade comunista: o comunismo propriamente.

Reinventar as esquerdas, de modo que se reorientem pela teoria social e ações político-sociais radicais, para as táticas que visam à emancipação socioeconômica/humana, retomando o *trabalho de base ombreadas* às massas é a única e necessária saída que nos resta para sonhar e concretizar o sonho, tornando-o realidade, pois como é sabido há muito, “a emancipação das classes trabalhadoras tem de ser conquistada pelas próprias classes trabalhadoras (...) a emancipação econômica das classes trabalhadoras é, portanto, o grande fim ao qual todo movimento político deve estar subordinado como meio” (2012, p. 79).



## Sonhar o sonho que ultrapasse o curso natural dos acontecimentos...

68

Meu sonho pode ultrapassar o curso natural dos acontecimentos, ou desviar-se para uma direção onde o curso natural dos acontecimentos jamais poderá conduzir. No primeiro caso, o sonho não produz nenhum mal; pode até sustentar e reforçar a energia do trabalhador... Em tais sonhos, nada pode corromper ou paralisar a força de trabalho. Ao contrário. Se o homem fosse completamente desprovido da faculdade de sonhar assim, se não pudesse de vez em quando adiantar o presente e contemplar em imaginação o quadro lógico e inteiramente acabado da obra que apenas se esboça em suas mãos, eu não poderia decididamente compreender o que levaria o homem a empreender e realizar vastos e fatigantes trabalhos na arte, na ciência e na vida prática... O desacordo entre o sonho e a realidade nada tem de nocivo se, cada vez que sonha, o homem acredita seriamente em seu sonho, se observa atentamente a vida, compara suas observações com seus castelos no ar e, de uma forma geral, trabalha conscientemente para a realização desse sonho. Quanto existe contato entre o sonho e a vida, tudo vai bem (PISSAREV *apud* LÊNIN, 1988, p. 133).

A reedição da obra da psicanalista Maria Rita Kehl (2020) é muito oportuna e continua atual, dado que explica como o *ressentimento* sentido pelos indivíduos sociais reverbera em suas atitudes políticas, no entendimento de política, tornando ainda mais apreensível as razões do aumento do *Ódio (na) como Política* (2018), resultando

(n)um profundo descontentamento com a vida, com a violência diária vinda da criminalidade, das condições de moradia, um ódio diante de uma sociedade hipócrita que valoriza a meritocracia e retira as condições para que se desenvolvam suas potencialidades, um ódio contra uma corja de sangue sugas que controlam as instituições de governo para saquear os recursos e enriquecer ilicitamente, um ódio contra uma democracia representativa que não representa ninguém além daqueles que dela se apropriaram como instrumento de garantia de privilégios, com juízes que



se colocam sob a capa da lei para ser injustos, contra a desigualdade gritante, contra a opulência de poucos que são sempre os maus... Enfim, ressentimento e ódio contra um mundo que os despreza. (...) O fato é que essa força foi desprezada no sentido de dar forma a uma consciência de classe, anticapitalista e socialista (IASI, 2018).

Deve-se ainda acrescentar que com a pandemia da SARS-COV-2 muitos segmentos da classe trabalhadora se viram (e sentem-se) desamparados, desesperados, percebendo que são descartáveis e que não têm nenhum valor para os governantes e os “profissionais” políticos de plantão caso não consumam e façam as engrenagens do mercado capitalista funcionar.

Houve, num curto e muito veloz espaço de tempo entreaberto pela gota d’água da crise sanitária, que fez estourar a crise econômica – anunciada desde 2017/2018 –, a criação de uma fissura, uma situação revolucionária, virtualmente capaz de colocar em questão o próprio sistema capital, sua produção destrutiva e toda a barbárie social mais fortemente evidenciada desde o final da década de 1990 e no transcorrer de 2000, que poderia ter sido aproveitada para a disseminação de uma “política social radical”, como a entende Mészáros (2002, p. 1076 a 1078).

No entanto, o essencial estava ausente: *a classe como Partido* (ENGELS; MARX, 1989), o Partido-Classe (LUXEMBURGO *apud* LOUREIRO, 1995, p. 188) o Partido Revolucionário (ou uma outra Organização Social Mediática), cuja tarefa é propagar as “revelações políticas” (LÊNIN, 1988, p. 55 e 56) entre os trabalhadores urbanos e rurais lançando a proposta de um projeto político-social alternativo, de ruptura e superação positiva do capital e da sociabilidade capitalista, atacando e desnudando toda a perversidade, barbárie e destrutibilidade deste modo de produção e sua organização societária, tornando a brecha para a manifestação da política social radical em momento de erupção de um período de expansão permanente da radicalidade da luta de classes, pautando e condicionando a agenda político-social e preparando as condições para a tomada do poder político pelos trabalhadores urbanos e rurais organizados.

Importante esclarecer que uma “política radical” só pode frutificar e se erigir solidamente onde haja organização, força e consciência *tática* e *estratégica* pelo e do *poder social/popular* ombreado com os revolucionários que lutam pela autodeterminação humana. É ele quem embasa o “momento” de intervenção da *ação política radical* guiada por uma *política*



*social radical* que visa revolucionar a base socioeconômica da sociabilidade capitalista e superar o sociometabolismo sistêmico do capital.

É justamente o que precisamos (re)construir de modo sistemático, racional e com embasamento e fundamentação histórica/científica, a fim de que possa surgir “uma bem-sucedida conversão de um ‘tempo transitório’ a ‘um espaço permanente’ por meio da reestruturação dos poderes de tomada de decisão” (MÉSZÁROS, 2002, p. 1077 e 1078).

Para que a política radical, alicerçada em sua base social, possa atingir e garantir a reestruturação dos poderes de tomada de decisão, necessita “transmitir, no auge da crise, suas aspirações – na forma de efetivos poderes de tomadas de decisão – ao próprio corpo social, do qual as demandas materiais e políticas subsequentes podem emanar e, assim, sustentar sua própria linha estratégica, em lugar de militar contra ela” (MÉSZÁROS, 2002, p. 1078).

É nesse percurso que os espaços tradicionais da política-institucional inerte são afrontados e questionados, assim como as formas estritamente institucionais da ação política. As camadas populares, a totalidade da classe trabalhadora multifacetada (campo e cidade), que passam a compreender a proposta comunista e de sua transição para a “nova forma histórica” divulgadas no momento crítico da crítica à crise, evidenciando sua raiz e razão de ser, acabam incorporando as metas radicais da política social radical como a única alternativa possível à barbárie social e ao processo de autodestruição planetária e humana.

Eis a razão da conclusão a que chega Mézszáros (2002, p. 1078):

A ofensiva socialista não pode ser levada à sua conclusão positiva, a menos que a política radical tenha êxito em prolongar seu momento, e seja capaz de implementar as políticas requeridas pela magnitude de suas tarefas. O único caminho, entretanto, no qual o momento histórico da política radical pode ser prolongado e estendido – sem, eis o ponto, recorrer a soluções ditatoriais, contra as intenções originais – é fundir o poder de tomada de decisão política com a base social da qual ele foi alienado durante tanto tempo, criando, por esse meio, um novo modo de ação política e uma nova estrutura – determinada genuinamente pela massa – de intercâmbios socioeconômicos e políticos. É por isso que uma “reestruturação da economia” socialista só pode processar-se na mais estreita conjugação com uma



reestruturação política, orientada pela massa, como sua necessária precondição.

Todas essas ponderações parecem um sonho, mas trata-se de sonhar com aquilo que é possível realizar e colocar em prática. O *como fazer* é a questão tática premente, pois o poder popular, o poder social das massas urbanas e rurais precisa evoluir da revolta, da *espontaneidade* (espontaneísmo seria a forma pejorativa da espontaneidade) para uma ação organizada e consciente *do que combate, para que, do que quer e do que precisa destruir e construir* de modo inteira e essencialmente diverso e novo.

Para Lênin (1988, p. 24) a espontaneidade das massas corresponde, inicialmente, aos “tumultos” perante a impossibilidade de viver e garantir a reprodução da existência, sendo mais “uma manifestação de desespero e de vingança que de luta”, uma verdadeira “revolta dos oprimidos”. Por sua vez as “greves sistemáticas” seriam o “embrião – mas, nada além do embrião – da luta de classes”.

Os lampejos de elevação da *consciência imediata* está na formulação das primeiras reivindicações precisas (*consciência reivindicativa/corporativa* = lutas econômicas), na procura de prever o momento mais favorável para agir, discutindo acerca de certos casos e exemplos de outras localidades (LÊNIN, 1988, p. 24).

Todavia, como aponta Luxemburgo (*apud* LOUREIRO, 1995, p. 38, 41, 42, 57, 70) LUXEMBURGO (1979, p. 31, 35, 49, 57, 59, 60, 62), a elevação da consciência das massas se dá através das suas experiências de luta, dos embates da luta de classes e ações de caráter radical empreendidas em momentos revolucionários, isto porque o envolvimento na luta de classes é educativo/formativo/pedagógico, como se constata na fala de uma boliviana que participou ativamente na *Guerra da Água*, na Bolívia (2020):

Eu sai em abril às ruas como muitas pessoas para ver como estavam reprimindo e com um grupo de jovens e companheiros de paróquias estivemos caminhando e vendo o que acontecia em pleno abril, informando-nos nas ruas com as pessoas em relação à privatização da água e a empresa que estava nas mãos dessa transnacional. Para mim *foi como uma escola, um despertar*, saber que existem coisas que estão acontecendo. Como jovens devemos saber por que, afinal, é nosso futuro e além do mais tem a questão da coisa pública, quem decide sobre a coisa pública nesse país



(PRONZATO, Carlos. *BOLÍVIA – LA GUERRA DEL AGUA*, 2020. Os itálicos são meus).

72

Lênin (*apud* FLORESTAN, 1978) também concorda, em partes, que a educação da classe trabalhadora e das massas se dá mediante o processo pedagógico dos combates, em várias frentes e posições (parlamentar e, principalmente, extra-parlamentar), travados no decorrer da luta de classes, da radicalização da luta político-social, desintoxicando as massas populares do “aburguesamento inevitável das condições de existência operária sob o capitalismo e das influências pequeno-burguesas” (LÊNIN *apud* FLORESTAN, 1978, p. 39). Os confrontos servem para criar e emular o espírito revolucionário das massas e da classe trabalhadora, “elevando sua consciência de classe e, concomitantemente, sua combatividade como e enquanto classe” (LÊNIN *apud* FLORESTAN, 1978, p. 39). A sentença de Lênin é inexorável:

A verdadeira educação das massas não pode ser jamais separada de uma luta independente, e principalmente da luta revolucionária das massas. Só a ação educa a classe explorada, só ela lhe dá a medida de suas forças, alarga seu horizonte, aumenta suas capacidades, esclarece sua inteligência e tempera sua vontade (LÊNIN *apud* FLORESTAN, 1978, p. 39).

Porém, toda prática, mesmo a de caráter revolucionário, tem limites que se tornam intransponíveis caso não haja a preocupação constante com a teoria revolucionária, já que “sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário” (LÊNIN, 1988, p. 18). A teoria compreende a sistematização das experiências de caráter emancipatório das gerações passadas, da apreensão do funcionamento e organização estrutural da sociabilidade capitalista e da relação social capital para que se possa combatê-los da forma mais consciente e eficaz possível visando à edificação de uma nova forma histórico-social. Conforme Túmolo (s/d, p. 7),

(...) é mister reconhecer que a prática “educa” até um certo limite. A inserção dos trabalhadores na prática de luta geralmente possibilita que estes se defrontem com contradições postas pela realidade, propiciando o acesso a determinados conhecimentos e, dessa maneira, a superação das formas mais primitivas e rústicas do senso comum. Não obstante, a prática social e, em particular, a prática militante



não oferecem, e não podem oferecer, os ingredientes necessários para a superação de uma compreensão mais ou menos epidérmica da realidade, tendo em vista o altíssimo grau de complexidade desta, já que se constitui como síntese de múltiplas contradições, o que exige, para sua apreensão, a adoção de um método dialético e, portanto, um profundo e árduo exercício de abstração e de análise.

Lênin (1988) também aquiesce e reconhece os limites do movimento espontâneo das massas, da prática, dizendo que a superação somente pode ocorrer através de uma ação vinda de fora do movimento, da “vanguarda” ou dos “revolucionários profissionais”. Assevera que:

(...) a história de todos os países atesta que, pelas próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical, isto é, à convicção de que é preciso unir-se em sindicatos, conduzir a luta contra os patrões, exigir do governo essas ou aquelas leis necessárias aos operários, etc (LÊNIN, 1988, p. 24).

Essa “vanguarda” ou “revolucionários profissionais” corresponde aos indivíduos provenientes dos próprios trabalhadores, ou dos estudantes, que realizam o *trabalho junto à base*, desenvolvendo a *formação político-social* da classe trabalhadora e das massas. Tornam-se “profissionais” porque dedicam a sua vida à luta ininterrupta contra o capital e o capitalismo. Esse é seu trabalho, sua função social numa estrutura regida pela divisão social do trabalho<sup>3</sup>. Também são responsáveis, além da organização, pelo trabalho de *agitação e propaganda* (aqui, invariavelmente, encontram-se os intelectuais como propagandistas) entre às massas. Jamais devem se colocar como superiores ou salvadores das massas, mas sim como seus acompanhantes no processo de luta, que caminham ombreados com a classe trabalhadora,

---

<sup>3</sup> Como no modo de produção capitalista a divisão social do trabalho impede à totalidade da classe trabalhadora de se apropriar histórica, científica, filosoficamente do mundo de forma racional e sistematicamente aprofundada, essa limitação material exige que certos indivíduos se ocupem desse trabalho de apropriação e sistematização e os transmita para as massas, auxiliando-as na compreensão das “revelações políticas” para que possam ir além das lutas meramente econômicas, corporativas e, ao se engajar na luta político-social, vão se politizando e elevando sua consciência, ultrapassando o corporativismo, o economicismo e conquistando, no processo organizativo e combativo *permanente*, a *consciência revolucionária*, dificultando sua captura pelos oportunistas.



corroborando para seu progresso intelectual e ação político-social consciente e revolucionária.

A respeito do trabalho da vanguarda, dos “revolucionários profissionais” junto à classe trabalhadora e às massas, esclarece Lênin (*apud* FLORESTAN, 1978) que deveriam

contribuir para a expansão da consciência de classe do proletariado de “fora para dentro” (isto é, imprimindo às suas tarefas políticas um teor pedagógico), (não sendo) o pólo decisivo. Este tinha de ser, naturalmente, o proletariado, como sujeito da ação revolucionária em escala coletiva, já que de sua impulsão dependeria a vitória da revolução proletária ou da contra-revolução. Por conseguinte, as relações do partido revolucionário do proletariado com a sua base e com a massa eram definidas segundo um esquema dialético: para dirigir o processo político, aquele partido teria de sintonizar-se com a classe operária e com as massas, acompanhando as evoluções de sua aprendizagem e de sua socialização política através das flutuações da luta de classes (LÊNIN *apud* FLORESTAN, 1978, p. 18 e 19).

Trata-se de um conhecimento político prático-teórico que “encontra as fontes de sua verificação em uma via experimental concreta: ou no comportamento das massas; ou na eficácia de tal conhecimento, através do comportamento das massas ao nível político, para transformar a estrutura da sociedade” (FLORESTAN, 1978, p. 44).

Não se adentrará, aqui, nas divergências e polêmicas entre Lênin e Luxemburgo acerca da relação entre consciência de classe e processo histórico objetivo, espontaneidade e organização, partido de massas e partido de vanguarda; organização, consciência e ação revolucionária, mesmo porque não é o foco do presente artigo. Trata-se de extrair das experiências das lutas político-sociais revolucionárias da classe trabalhadora em geral, dos acertos leninistas e luxemburguistas, as lições para repensar e reorientar as ações táticas atuais do trabalho de base a ser desenvolvido com as massas para que elas próprias assumam a necessária tarefa histórica que lhes cabe de superar e transcender o capital e a sociabilidade capitalista. Como frisa Luxemburgo (1981, p. 39):

(...) o único “sujeito” ao qual corresponde hoje o papel de dirigente é o eu coletivo da classe operária, que reclama



resolutamente o direito de cometer ela mesma os equívocos e de aprender por si só a dialética da história. E, enfim, digamos francamente aqui entre nós: os erros cometidos por um verdadeiro movimento operário revolucionário são historicamente de uma fecundidade e de um valor incomparavelmente maiores que a infalibilidade do melhor dos comitês centrais.

A partir das ponderações até aqui expostas, qual deve ser o papel da vanguarda? Em outras palavras, considerando o nosso tempo histórico-social, de crise estrutural do capital e um horizonte tenebroso e sombrio que acena com a autodestruição humana e planetária, quais são as tarefas que cabem aos partidos e organizações que se auto-intitulam de esquerda e, principalmente, de *esquerda radical*, podendo realizar alianças, em determinado momento do processo da luta político-social de classes, com os partidos progressistas e democráticos, desde que estabelecendo a crítica e demarcando suas diferenças para não confundir a massa?

### **Sobre a possibilidade de um processo político-social revolucionário: como fazer!**

A vanguarda<sup>4</sup> (ou os “revolucionários profissionais”), que deve se imiscuir e ombrear com as massas, tem – dentre seus objetivos elementares – que elevar a consciência e a radicalidade das ações interventivas das massas, desvelando e *esclarecendo* as massas “sobre seus interesses históricos, muitas vezes obscurecidos pela ideologia dominante” (LOUREIRO,

---

<sup>4</sup> “(...) núcleo proletário forte e politicamente educado, bastante consciente de ser capaz (...) de ‘levar a reboque’ os contingentes dos ‘sem classe’ e pequeno-burgueses” (LUXEMBURGO, 1981, p. 36) que se aproximam e participam da luta de classes. Nesse processo de organização revolucionária do proletariado desenvolve-se um centralismo socialista, “como uma tendência que se converte em realidade na medida do desenvolvimento e da educação política das massas operárias no curso de suas lutas” (LUXEMBURGO, 1981, p. 20). No decorrer dessas lutas a tática adequada “é o resultado de uma série ininterrupta de grandes atos criadores da luta de classes, frequentemente espontânea, que busca seu caminho” (LUXEMBURGO, 1981, p. 22). Porém, é essencial que durante todo o processo, em seus momentos de calma e nos tempestuosos, se mantenha “o juízo histórico correto sobre as formas de luta correspondentes a cada momento dado” (LUXEMBURGO, 1981, p. 23), o que demonstra que as táticas correspondem à resposta concreta a análise das situações concretas postas pela conjuntura, interligadas, mediativamente, à visão da totalidade social e unidade teoria/prática.



1995, p. 34), contribuindo para “aguçar a sua consciência de classe, aprofundar as suas ideias e fortalecer a sua energia para a ação” (LUXEMBURGO, 1979, p. 20). A vanguarda toma a iniciativa e dirige as operações, mas sem dar ordens arbitrárias, adaptando-se “à situação o mais habilmente possível, mantendo o mais estreito contato com o moral das massas” (LUXEMBURGO, 1979, p. 48).

O trabalho de esclarecimento se realiza mediante a *agitação e propaganda*<sup>5</sup> entre as massas, por isso mesmo, leva *tempo* – teremos ainda? As “revelações políticas” das desigualdades sociais da sociabilidade de classes e das condições de vida e não-vida dos indivíduos sociais das respectivas classes trazidas à baila pelo agravamento dessas mesmas desigualdades pela pandemia pode acelerar, encurtando, a elevação da consciência de classe das massas subalternas? (tempo de média ou longa duração, exceção para os períodos onde eclode uma situação revolucionária, que pode elevar a consciência das massas num tempo mais curto) – e exige *paciência*. É justamente esse trabalho, invariavelmente desenvolvido em alguns anos ou dezena de anos, que serve de germe germinal das manifestações espontâneas dos movimentos de massa.

Para Luxemburgo (1979), o resultado mais precioso desse trabalho,

porque permanente neste brusco fluxo e refluxo da revolução (de ações/intervenções de caráter emancipador), é de ordem espiritual (intelectual): o crescimento intermitente do proletariado no plano intelectual e cultural é uma garantia absoluta do seu irresistível progresso futuro, tanto na luta econômica, como na luta política. (...) só no período revolucionário, em que são abalados os alicerces sociais e as muralhas que separam as classes sociais, qualquer ação do proletariado pode em poucas horas arrancar da indiferença às camadas populares até então na sombra, o que se manifesta naturalmente numa batalha econômica tumultuosa. (...) Mesmo se o proletariado, (com as esquerdas

---

<sup>5</sup> A “(...) vanguarda mais esclarecida e mais consciente do proletariado” deve procurar *precipitar, apressar* o curso dos acontecimentos, “explicando às largas camadas do proletariado a *vinda* inevitável do período revolucionário (caso não se queira o aprofundamento da barbárie social e a autodestruição humana e planetária), os fatores que, no interior da sociedade, a suscitam e suas *consequências* políticas”. Ter a direção política significa, por um lado, agitar e, por outro, explicar, esclarecer. (LUXEMBURGO *apud* LOUREIRO, 1995, p. 43 e 44. Os parênteses são meus).



e a esquerda radical<sup>6</sup>) à cabeça, desempenhar o papel dirigente, a revolução não é uma manobra do proletariado, mas uma batalha que se desenrola enquanto à sua volta se desmoronam e se deslocam sem cessar todos os alicerces sociais. Se o elemento espontâneo desempenha um papel tão importante na greve de massas russa, não é porque o proletariado esteja “deseducado”, mas porque as revoluções não se aprendem na escola. (LUXEMBURGO, 1979, p. 35, 47 e 49. Os parênteses são meus)

A espontaneidade das massas, sua revolta, é ativada pelo trabalho (às vezes de anos) de agitação e propaganda, é uma resposta dada pelo instinto de classe<sup>7</sup>. Mas os partidos de esquerda e da esquerda radical e suas vanguardas são “resultado das lutas espontâneas e se alimenta(m) delas. Só assim, nessa circularidade, não há o risco da ruptura entre a classe e o elemento político ativo, a vanguarda (...) o partido deve exprimir a posição do proletariado na luta, ser “porta-voz”, intérprete da vontade das massas” (LOUREIRO, 1995, p. 43).

Como esclarece Loureiro (1995, p. 43), “(...) o partido, embora não tenha por função desencadear a ação revolucionária”, já que esta é o resultado de uma infinidade de complexos “fatores econômicos, políticos, sociais, gerais e locais, materiais e psicológicos, de tal maneira que nenhum deles pode ser definido ou calculado como um exemplo aritmético”

---

<sup>6</sup> A diferenciação se dá porque os partidos outrora identificados como de “esquerda” estão mais para social-progressistas (reformistas)/social-liberais do que efetivamente *questionadores radicais* da questão social e dos problemas sociais oriundos da sociedade de classes pautada na propriedade privada, no trabalho assalariado e na divisão social-hierárquica-técnica-funcional do trabalho, abandonando a propositura de um projeto político-social para além do capital e da sociabilidade capitalista. A designada “esquerda radical”, apesar de suas particularidades, além de manter viva a práxis revolucionária, tem como fim a transição comunista.

<sup>7</sup> No dizer de Gramsci (2002, p. 196 e 197. Os parênteses são meus): uma consciência formada “através da experiência cotidiana iluminada pelo ‘senso comum’, ou seja, pela concepção tradicional popular do mundo, aquilo que muito pedestremente se chama de ‘instinto’ e que, ele próprio, é somente uma conquista histórica primitiva e elementar. (...) Negligenciar e, pior, desprezar os movimentos ditos ‘espontâneos’, ou seja, renunciar a dar-lhes uma direção consciente (discipliná-los), a elevá-los a um plano superior, inserindo-os na política, pode ter frequentemente consequências muito sérias e graves”. Para Luxemburgo (1979, p. 42) o “instinto de classe” está ligado à capacidade criativa, inventiva, autônoma, livre das massas, mesmo que estejam, concomitantemente, ligadas à “lógica do processo histórico objetivo”.



(LUXEMBURGO, 1979, p. 49), “uma vez esta começada, deve dar-lhe conteúdo político e palavras de ordem corretas” (LOUREIRO, 1995, p. 43).

Os partidos de esquerda e da esquerda radical – ou organizações revolucionárias de esquerda e da esquerda radical – e suas vanguardas têm como tarefa intransferível e inexorável a direção e orientação política da ação revolucionária das massas. Como frisa Luxemburgo (1979, p. 50):

A tarefa mais importante de “direção” (...) consiste em dar a palavra de ordem da luta, em orientá-la, em dirigir a *tática* da luta política de tal modo que, em cada fase e em cada instante do combate, seja realizada e posta em ação a totalidade do poder do proletariado, já comprometido e lançado na batalha, e que este poder se exprima pela posição do Partido na luta; é preciso que a tática (das esquerdas e da esquerda radical e suas vanguardas) jamais se encontre aquém do nível da relação das forças em presença no que respeita à energia e à precisão, mas que, ao contrário, ultrapasse esse nível (daí a necessidade da teoria social revolucionária para a execução da política social radical); assim a direção política transformar-se-á automaticamente, e em certa medida, numa direção técnica. Uma tática socialista consequente, resoluta e vanguardista provoca na massa um sentimento de segurança, de confiança, de combatividade; uma tática hesitante, fraca, alicerçada na subestimação das forças do proletariado, paralisa e desorienta as massas (Os parênteses são meus).

As táticas de luta político-social correspondem à resposta concreta à análise das situações concretas postas pela conjuntura, interligadas, mediativamente, à visão da totalidade social, da unidade teoria/prática. As experiências adquiridas e sistematizadas através das lutas, do enfrentamento dos problemas colocados para a reprodução da própria existência (a vida engloba experiência, ação e luta para Luxemburgo), contribuem para a elevação da consciência das massas da consciência imediata, reivindicativa para a consciência revolucionária, da classe “em si” para sua transformação em classe “para si”, um processo lento, penoso, sofrível, transpassado por avanços e recuos, tanto que Luxemburgo (*apud* LOUREIRO, 1995, p. 50) reconhece, pelo aprendizado preciso extraído da história, mais precisamente no ano de 1914 (I Guerra Mundial), “e, a partir desta, olhando toda a história passada, que não se deve superestimar a ação do indivíduo”.



Ainda assim, isto não elimina o fato incontestável de que ainda que “a marcha da história realiz(e)-se certamente de acordo com leis próprias, infalíveis (...) *os homens são portadores dessas leis*” (LUXEMBURGO *apud* LOUREIRO, 1995, p. 41). Portanto,

os homens não fazem arbitrariamente a história, porém fazem-na eles próprios. O proletariado depende, na sua ação, do respectivo amadurecimento do desenvolvimento social, mas, por outro lado, o desenvolvimento social não precede o proletariado. Ele é igualmente seu motor e sua causa, assim como seu produto e sua consequência. Sua própria ação é parte determinante da história (LUXEMBURGO *apud* LOUREIRO, 1995, p. 118).

Por isso o *fator subjetivo* (a ação político-social, a política social radical, a ação revolucionária) adquire papel essencial no desenrolar do processo revolucionário. Como alertaram Marx e Engels em suas obras, embora as transformações sociais sejam produto das leis imanentes do desenvolvimento social e econômico, podem ser aceleradas ou retardadas pela intervenção dos homens, que podem atuar de maneira revolucionária ou contra-revolucionária, decidindo os rumos da história. Há momentos que as condições objetivas determinam fundamentalmente a ação subjetiva, como também há outros em que “é essencial instigar a vontade das massas, levando-as a agir” (LOUREIRO, 1995, p. 178).

Lênin, como nos informa Florestan (1978), jamais se deixou paralisar pela existência ou inexistências de condições objetivas

que permitissem a revolução proletária. Fez isso deslocando em várias direções o aproveitamento revolucionário das condições objetivas existentes (...), sempre em direções que atendessem, a curto e a longo prazos, os alvos finais de destruição do capitalismo e de transição para o socialismo. Doutro lado, deu maior ênfase (e mesmo maior peso relativo) ao controle político das “condições subjetivas”, mais suscetíveis de tratamento político deliberado, segundo manipulações estratégicas e táticas. (...) A vantagem de dispensar maior atenção às “condições subjetivas” procedia de outro resultado previsível: a rápida transformação do proletariado em classe politicamente consciente e apta para proceder à reeducação política do resto da maioria. Assim, em “condições objetivas” aparentemente desvantajosas, um



país atrasado como a Rússia logrou realizar a primeira revolução proletária da história (FLORESTAN, 1978, p. 19).

Decorre daí que num processo revolucionário, ainda que não se possa separar o subjetivo do objetivo, dado que se interdeterminam, o fator subjetivo ganha predominância para o melhor aproveitamento possível das condições objetivas postas. Pelo conhecimento social e científico do desenvolvimento histórico-social das lutas político-sociais de caráter emancipador/radical das sociabilidades humanas, pode-se potencializar as condições objetivas existentes, assim como o fez Lênin, pois “as ações de massa resultam de um conjunto de ‘fatores econômicos, políticos e psíquicos, da tensão das oposições de classe num dado momento, do grau de esclarecimento e de combatividade das massas” (LOUREIRO, 1995, p. 116).

De modo que

o marxismo difere de todas as outras teorias socialistas porque alia, de modo notável, plena lucidez científica na análise da situação objetiva e da evolução objetiva, ao reconhecimento mais terminante do papel da energia, da criação e da iniciativa das massas, e também, naturalmente, dos indivíduos, agrupamentos, organização de partido que sabem descobrir e realizar a ligação com tais ou quais classes. A alta avaliação atribuída aos períodos revolucionários no desenvolvimento da humanidade decorre do conjunto das concepções históricas de Marx: é nesses períodos que se solucionam as grandes contradições que se acumulam lentamente nos períodos ditos de evolução pacífica. É nesses períodos que aparece, com a maior força, o papel direto das diferentes classes na determinação das formas da vida social, que se criam os fundamentos da “superestrutura política”, a qual se mantém depois, durante muito tempo, sobre a base de relações de produção renovadas (FLORESTAN, 1978, p. 46).

É, portanto, *dever*, tarefa histórica necessária das esquerdas e da esquerda radical, bem como das organizações de esquerda e de esquerda radical, auxiliar os segmentos da classe trabalhadora, dos subalternos à elevar a sua consciência social para uma consciência de classe, uma consciência de classe revolucionária. Para isso, precisam compartilhar da vida (experiências, lutas, ações) das massas, estar ombreados a elas, socializarem



com elas. Como postula Lukács (*apud* LOUREIRO, 1995, p. 188): “o partido (as esquerdas e a esquerda radical; as organizações de esquerda e de esquerda radical) vive (deveriam viver) do sentimento que as massas têm de que é a objetivação da sua mais íntima vontade, que elas mesmas não têm claro, a forma visível e organizada de sua própria consciência de classe”.

(...) uma vez que a consciência de classe, na maior parte do tempo, permanece “teórica e latente”, o partido (ou organizações de esquerda e esquerda radical) surge como figura necessária para intervir na prática. (...) Nessa perspectiva, o partido não pode desencadear nem impedir a revolução, mas ele é “*portador da consciência de classe do proletariado, consciência de sua missão histórica*” (LUKÁCS *apud* LOUREIRO, 1995, p. 188. Os parênteses são meus).

É pré-requisito daqueles que se comprometem em realizar o trabalho de base junto às massas uma apropriação, a mais aproximada possível, do movimento concreto do real, da totalidade social e de suas contradições; um profundo e sistematizado conhecimento social-científico da história, dos processos revolucionários e das ações de caráter revolucionário ocorridas ao longo da luta entre capital e trabalho, da luta de classes; a capacidade de desenvolver habilidades e mecanismos para transmitir esses conhecimentos de forma inteligível às massas, aos subalternos, corroborando para sua elevação cultural e intelectual, pois a classe trabalhadora também deseja saber e conhecer o que os intelectuais sabem e conhecem. Diz a classe trabalhadora: as reivindicações imediatas, concretas, a luta econômica não nos satisfaz.

Não somos crianças que podem ser alimentadas apenas com a “sopinha” da política “econômica”; queremos saber tudo o que os outros sabem, queremos conhecer em detalhes *todos* os aspectos da vida política e participar *ativamente* de cada acontecimento político. Para isso, é necessário que os intelectuais nos repitam um pouco menos do que já sabemos, e que nos deem um pouco mais do que ainda ignoramos, daquilo que nossa experiência “econômica”, na fábrica, jamais nos ensinará: os *conhecimentos políticos*. Esses conhecimentos apenas os senhores intelectuais, podem adquirir, é seu *dever* fornecer-nos tais conhecimentos em quantidade 100, 1000 vezes maior do que o fizeram até agora, e não apenas sob a forma de raciocínios, folhetos e



artigos (os quais frequentemente costumam ser – perdoem a franqueza! – maçantes), mas – e isto é imperioso – sob a forma de *revelações vivas* sobre o que fazem nosso governo e nossas classes dominantes exatamente no momento atual, em todos os aspectos da vida (LÊNIN, 1988, p. 58 e 59).

São, justamente, através dessas “revelações vivas” dos conflitos e contradições sociais, das desigualdades sociais da sociabilidade de classes, das relações de força e poder que se estabelecem entre os segmentos da classe social hegemônica na disputa pelo poder político para a manutenção dos seus interesses econômico-sociais, que se desvenda a natureza das relações sociais de produção capitalistas e da relação social capital. “(...) a própria massa, ao formar-se como classe revolucionária, torna-se vanguarda. (...) a transformação da sociedade capitalista não ocorrerá de uma só vez, mas ‘pressupõe uma luta demorada e persistente’ cuja vitória será determinada pela própria luta de classes” (LUXEMBURGO *apud* LOUREIRO, 1995, p. 71).

### **Questões finais a considerar: Que Fazer?**

A superação do sistema capital e da sociabilidade capitalista se coloca como uma imposição, uma necessidade histórica, caso se tenha a pretensão de manter as formas de vida existentes no planeta, bem como o próprio. “Mas para tanto, (a classe trabalhadora, os subalternos) tem necessidade de um alto grau de educação política, de consciência de classe e de organização” (LUXEMBURGO, 1979, p. 31).

Diante da atual conjuntura, resultado de um trabalho realizado pela direita e extrema-direita desde a década de 1980, aliciando e capturando a subjetividade da classe trabalhadora e dos subalternos, como comprova a seita fundamentalista de adeptos de Olavo de Carvalho, disseminando o ressentimento e o ódio entre os indivíduos e as classes sociais, fazendo recrudescer e refluir as ações e lutas de caráter revolucionário – ainda que hajam manifestações espontâneas de massa frente às atitudes violentas e abusivas do Estado –, é mais do que premente retomar e reviver, reinventando e atualizando, o trabalho de base junto às massas, às camadas populares, aos subalternos.

Vemos que há alguns anos alguns partidos que se denominam de esquerda e de esquerda radical foram revitalizados pela entrada e atuação de uma juventude militante em sintonia com o presente tempo histórico-



social, que passaram a disputar as redes sociais com a direita e extrema-direita então em alta, difundindo os princípios e fundamentos da teoria social marxiana, como: *Teze Onze*, de Sabrina Fernandes (PSol); *Jones Manuel* (PCB); *Tempero Drag*, Rita Von Hunty (PSol), dentre outros. No entanto, esse trabalho, apesar de importantíssimo, atinge alguns segmentos da classe trabalhadora, mas não os subalternos, as massas populares, já que, em sua grande maioria, não dispõem dos aparelhos tecnológicos necessários, nem de internet. O rádio e a televisão ainda são os meios de comunicação/informação mais acessíveis a essas camadas.

Por isso é necessário retomar os trabalhos que eram feitos nas décadas de 1950 a 1980 junto às massas, os trabalhos de base nas favelas, nas periferias urbanas e rurais, como o fez Hugo Chaves com os “círculos bolivarianos”, construindo grupos de discussão e, porque não dizer, de formação político-social, nos bairros periféricos sobre a constituição bolivariana (Simón Bolívar). Também voltar a fazer a panfletagem (propaganda) de rua, como a realizada em 2015 pelo coletivo autonomista *O Mal Educado*<sup>8</sup>, entregando a “cartilha ‘Como ocupar um colégio?’”, texto traduzido e adaptado pelo coletivo a partir de documento elaborado pela seção argentina da Frente de Estudantes Libertários<sup>9</sup> (JANUÁRIO; CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2017, s/n), crucial para auxiliar os estudantes nas *ocupações das escolas*, servindo, naquela conjuntura, como “arma na luta de classes”.

Pode-se mesmo dizer que em 2015 os estudantes secundaristas resgataram e atualizaram, por suas ações, as palavras de Luxemburgo (1991, p. 43): “Só na luta as tarefas da luta se tornam claras. Organização, esclarecimento e luta não são momentos separados, mas diferentes aspectos

---

<sup>8</sup> Pautado num “repertório de lutas que privilegia a ação direta, uma valorização da horizontalidade, bem como uma recusa clara à ‘política tradicional’, com seus partidos e lógicas mais formais e institucionalizadas” (JANUÁRIO; CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2017, s/n).

<sup>9</sup> O texto tinha como meta descrever e registrar a experiência argentina de luta, que foi inspirada, por sua vez, na luta dos secundaristas chilenos. A pequena cartilha, composta por oito páginas, começa com uma ‘Abertura’ relatando a ‘Revolta dos Pinguins’ que ocorreu no Chile em várias etapas, com duas grandes mobilizações entre 2006 e 2011. Em seguida, o manual passa a apresentar um ‘Plano de Ação’ para os estudantes secundaristas de São Paulo; é preciso que a sua *estratégia* permita-lhes ‘vencer a luta por educação pública, gratuita e de qualidade’. Não se pode esquecer que as ocupações de escolas são uma *tática*, ou seja: ‘uma das ferramentas dentro desta estratégia’” (JANUÁRIO; CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2017, s/n).



do mesmo processo". No decorrer da luta, na sua vivência, são construídas as aprendizagens. Ela é *meio e não fim*. Nela dormita as potencialidades em latência germinal para a elevação da consciência das contradições que permeiam o funcionamento e a estrutura da sociabilidade do capital.

Outras experiências, como a da *Guerra da Água*, na Bolívia, em 2000, reiteram tudo aquilo que foi explanado acerca do *como fazer*, sendo exemplos e lições do *que fazer* na luta contra o capital, ainda que falte uma *organização permanente* – e não aparecendo apenas nos momentos de agravamento das condições materiais de existência que colocam em xeque sua própria reprodução.

Na luta contra a privatização da água, na Bolívia, foi criada a *Coordenação de Defesa da Água e da Vida* como produto da própria organização popular. Reuniu o povo e as lideranças que atuam em outros aparelhos privados de hegemonia, como partidos, sindicatos, associações, pastorais, etc., que tiveram importante papel em dar *direção* ao movimento e *esclarecer* as massas, sobretudo através das "revelações políticas", das "revelações vivas", expondo os interesses do capital e da classe capitalista.

Os verdadeiros líderes "não consideram as massas humanas como um instrumento servil, bom para alcançar os próprios objetivos e depois jogar fora"; ao contrário, aspiram "a alcançar fins políticos orgânicos cujo necessário protagonista histórico são estas massas", desenvolvendo uma "obra 'constituente' construtiva". Mais ainda, o líder político realmente comprometido com os interesses e necessidades do povo, porque se enxerga e identifica como parte desta totalidade, está preocupado em "elevar a capacidade das massas, a criar elementos que possam substituí-lo na função de líder. Ele pensa segundo os interesses da massa" (GRAMSCI, 2002, p. 248).

A história da luta de classes, das batalhas travadas entre capital e trabalho nos diferentes tempos históricos, demonstram que na correlação de forças a classe trabalhadora, os subalternos apenas serão favorecidos e se fortalecerão se reaprenderem a necessidade de se *organizar permanentemente* (revolução permanente), de forma *extra-parlamentar*, fazendo da *guerra de movimento* (luta político-social) o momento predominante em relação à guerra de posição (ocupação de espaços no aparelho de Estado, no parlamento), erigindo-se como um *poder paralelo*, exercendo uma pressão político-social cada vez mais forte sobre o aparelho e aparatos do Estado Democrático de Direito Burguês.



Enfim, a construção de um outro mundo exige a edificação de um novo homem, com outros valores e outras práticas, e só a *organização social popular*<sup>10</sup> pode prover essas experiências de *transitar para a transição* a uma outra forma de sociabilidade. Essa *organização social popular* deve estar embasada naquilo que há de mais avançado em termos de experiências e ensaios de tomada do poder pelos trabalhadores e tentativas de construção de uma outra sociabilidade para além do capital e do capitalismo, pautadas no trabalho associado dos produtores/trabalhadores(as). Dentre elas, sobressaem aquelas que tiveram como referência o comunismo científico de Marx e Engels, com as preciosas contribuições e inovações trazidas por Lênin, Luxemburgo, Gramsci e Lukács. Portanto, não se trata de qualquer forma de organização social popular, orientada por qualquer linha teórico-prática (práxis), mas daquela alicerçada nas experiências mais próximas e efetivamente adequadas em suas táticas e estratégia na luta para a transcendência positiva do sociometabolismo do capital e do modo de produção capitalista.

## Referências

- ANTUNES, Ricardo. O Vilipêndio do Coronavírus e o imperativo de Reinventar o Mundo. In: TOSTES, Anjuli; MELO FILHO, Hugo. 1 ed. Ilustração de Carlo Giambarresi. *Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois*. Bauru: Canal 6, 2020. Recurso digital. (Projeto Editorial Práxis)
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. 2<sup>a</sup> ed. Organização e Introdução Marco Aurélio Nogueira. Trad. Marco Aurélio Nogueira e Leandro Konder. Petrópolis: Vozes, 1989.

---

<sup>10</sup> "(...) a auto-organização popular talvez seja o principal elemento desse período tão trágico e tão destrutivo (...) as esquerdas majoritárias não podem mais continuar seguindo sua rota tradicional; o desafio da esquerda social será o de atuar junto à vida cotidiana dos/as trabalhadores/as e avançar no desenho e na proposta de apresentar um *novo projeto humano e social, um novo modo de vida*, para além dos constrangimentos impostos pelo sistema de metabolismo antissocial do capital. O cenário social e político é o pior dos mundos: a extrema-direita, em várias partes, está assumindo sua posição ultra-agressiva, 'antissistêmica', que atribui a si a capacidade de 'mudar o mundo', mesmo sabendo que sua propositura é a porta de entrada para o inferno de Dante, uma vez que ela sela a finitude do que resta de vida civilizada" (ANTUNES, 2020, p. 186 e 187. Os itálicos são do autor).



- Estatuto da Associação Internacional dos Trabalhadores (Excertos). In: MARX, Karl. *Crítica do Programa de Gotha*. Seleção, tradução e notas Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012. (Coleção Marx-Engels)
- FERNANDES, Florestan. *A sociologia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- \_\_\_\_\_. (Org.) *LÊNIN: POLÍTICA*. Trad. Carlos Rizzi. 2 ed. São Paulo: Ática, 1978. (Grandes Cientistas Sociais; 5)
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. vol 3. Maquiavel – Notas sobre o Estado e a política. Edição e tradução Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- LENIN, Vladimir I. *A falência da II Internacional*. Trad. Armando Boito Júnior e Maria Luiza Gonçalves. 1ª ed. São Paulo: Kairós Livraria e Editora Ltda, 1979. (Série Materialismo Histórico)
- \_\_\_\_\_. *Que Fazer? As questões palpitantes do nosso movimento*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- LOUREIRO, Isabel Maria. *Rosa Luxemburgo – Os Dilemas da Ação Revolucionária*. São Paulo: Editora UNESP, 1995. (Prismas)
- LUXEMBURGO, Rosa. *A Revolução Russa*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Greve de Massas, Partido e Sindicatos (1906)*. 1ª ed. São Paulo: Kairós Livraria e Editora Ltda, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Partido de Massas ou Partido de Vanguarda – Polêmica Rosa/Lênin*. São Paulo: Ched Editorial, 1981. (Coleção Polêmicas Operárias)
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Sagrada Família, ou, Crítica da crítica crítica contra Bruno Bauer e seus seguidores*. Trad. Sérgio José Schirato. São Paulo: Centauro, 2001.
- MARX, Karl. *Crítica do Programa de Gotha*. Seleção, tradução e notas Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012. (Coleção Marx-Engels)
- MÉSZÁROS, István. *Para Além do Capital – rumo a uma teoria da transição*. Trad. Paulo César Castanheira, Sérgio Lessa. 1ª ed. São Paulo: Editora da UNICAMP; Boitempo Editorial, 2002.
- MIGUEL, Luis Felipe... (et. al). *O Ódio como Política – a reinvenção da direita no Brasil*. Org. Esther Solano Gallego; [ilustração Laerte, Luiz Gê, Gilberto Maringoni]. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2018. (Tinta Vermelha)



## Meios Eletrônicos

- ARANTES, Paulo. 2018. "Abriu-se a porteira da absoluta ingovernabilidade no Brasil, diz Paulo Arantes". *Brasil de Fato*, São Paulo, novembro. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/13/abriu-se-a-porteira-da-absoluta-ingovernabilidade-no-brasil-diz-paulo-arantes/>.
- BOFF, Leonardo. "Vamos voltar para as bases. Sairemos melhor e mais qualificados". *Rede Brasil Atual (RBA)*, novembro, 2018. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2018/11/boff-vamos-voltar-para-as-bases-sairemos-melhores-e-mais-qualificados>.
- Bolívia, la Guerra del Agua*. Gênero: Documentário. Direção: Carlos Pronzato. Duração: 40 min. Ano de produção: 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-7ZnaY0ateo>.
- IASI, Mauro Luis. "O sujeito oculto: ao vencedor as batatas". *Blog da Boitempo*, novembro, 2018. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/11/05/o-sujeito-oculto-ao-vencedor-as-batatas/>.
- JANUÁRIO, Adriano; CAMPOS, Antonia Malta; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio Moretto. As ocupações de escolas em São Paulo (2015): autoritarismo burocrático, participação democrática e novas formas de luta social. *Revista Fevereiro*, #9, s/l, 2017. Disponível em: <http://www.revistafevereiro.com/pag/php?r=09@t=12>.
- "Lula diz que PT deve voltar para a periferia e se aproximar de evangélicos". *CARTA CAPITAL*, 26 de janeiro de 2020. Disponível em: [www.cartacapital.com.br/politica/lula-diz-que-pt-deve-voltar-para-a-periferia-e-se-aproximar-de-evangelicos/](http://www.cartacapital.com.br/politica/lula-diz-que-pt-deve-voltar-para-a-periferia-e-se-aproximar-de-evangelicos/).
- "O apoio crítico de Mano Brown ao PT: 'eu não gosto desse clima de festa'". *Esquerda Diário*, 25 de outubro de 2018. Disponível em: [www.esquerdadiario.com.br/O-apoio-critico-de-Mano-Brown-ao-PT-eu-nao-gosto-desse-clima-de-festa](http://www.esquerdadiario.com.br/O-apoio-critico-de-Mano-Brown-ao-PT-eu-nao-gosto-desse-clima-de-festa).
- TÚMOLO, Paulo Sérgio. *Educação dos trabalhadores, consciência de classe e revolução social – a atualidade de 'velhas' questões*. Disponível em: [www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org).

